

## I- A Natureza do Fenômeno Epistolar.

Há alguns anos o estudo da correspondência (cartas, bilhetes, telegramas, memorandos, algumas anotações) vem despertando grande interesse para a compreensão da obra de determinados autores, bem como para que se entenda mais acerca das transformações estilísticas do próprio autor e também o panorama histórico-cultural do qual ele faz parte. Tarefa complexa e quase sempre árdua, pois temos de reavaliar e até questionar postulados já “oficializados” pelo cânone literário. É nesta perspectiva que se inserem os debates acerca da epistolografia e, de maneira mais íntima, a epistolografia literária.

A *carta* possui uma natureza deveras híbrida e polimorfa para que se faça sobre ela uma teorização absolutamente sistemática. Na correspondência, remetente e destinatário revelam sentimentos às vezes recônditos que num diálogo do tipo “cara-a-cara” não revelariam com certa facilidade; a este respeito declara Mário de Andrade:

*Sei me abrir nas cartas, mas não sei, em corpo presente confessar minhas franquezas<sup>1</sup>.*

A carta opõe-se à realidade da troca de palavras sobre um referido assunto na presença física daqueles que se comunicam, nada é dito, proferido ou mesmo formulado pela boca, são frases interiores, apoiadas no silêncio, possibilitando que muitos “fantasmas”

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda 1934/1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 55. (Carta de 17 de janeiro de 1940).

ganhem faces e muitas máscaras caíam, revelando o mundo pessoal e subjetivo de cada um. Atrás da não-presença física o sujeito se preserva e se reserva, é ali que se encontra o seu verdadeiro “eu”: aquele do sentimento e da franqueza; é escondendo-se que se torna franco e, neste retiro, o “eu” se permite e se flexibiliza.

A carta se torna a possibilidade de uma abertura íntima e confiável onde cada “eu” se abre e se revela, desnuda-se em trocas de informações e até confissões, contribuindo para a criação de um mundo metafísico e relacional; podemos mesmo afirmar que nas cartas de natureza mais íntima é difícil “evitar-se”, ou seja, não temos como evitar quem realmente somos e no que pensamos, principalmente numa relação epistolar um tanto pessoal, quando a carta passa a ser também uma espécie de “espelho” a revelar as verdadeiras identidades e aptidões de quem as escreve; como muito bem afirmou Roland Barthes: o epistolário é um *desabafo*, um *extravasamento de si*<sup>2</sup>, isto é, reprime-se o mínimo possível e a carta transpõe aquilo que era considerado intransponível.

Para isso, até mesmo o aspecto físico das cartas é importante e pode revelar muito de quem as escreve: as cores do papel, as formas utilizadas, o tipo de letra que foi empregada e nas inúmeras combinações desses elementos entre si. Nesta perspectiva, é muito interessante a correspondência entre o escritor Mário de Andrade e a artista plástica Anita Malfatti. Nas suas setenta e sete cartas enviadas ao autor de *Paulicéia Desvairada*, a artista plástica utilizava papéis de várias cores: azul, violeta, rosa, amarelo, verde, branco ou cinza, cada cor expressando aquele determinado momento da sua vida e o que ela queria

---

<sup>2</sup> BARTHES, Roland. In: “*Fragments de um discurso amoroso*”.



## 1. Unindo Distâncias

As correspondências mais pessoais trazem um certo teor de ausência, fazendo com que a carta também possua uma outra importante característica: a construção de uma “pseudo-presença física”. A troca de correspondências pressupõe uma dificuldade natural e circunstancial de duas pessoas não estarem física e geograficamente próximas uma da outra. Ao escrever, o emissor quer se fazer presente no espaço do seu receptor, presença essa que se verificará pela sua exposição e abertura sentimentais. A correspondência ofusca a distância entre duas temporalidades: aquela que se liga ao ato da escrita e aquela do ato de leitura, transportando as instâncias narrante e leitora ao presente da escrita, ao *hic et nunc* do evento narrado ou descrito. Cria-se uma relação dialógica: o “outro” entra no discurso epistolar do remetente através de uma interlocução entre ambos, como bem observou Bakhtin:

*É próprio da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta<sup>4</sup>.*

Tal interlocução nessas relações dialógicas acontece principalmente quando o outro entra no discurso, ou seja, aquele a quem se destina adentra, entranha-se na escrita do remetente.

---

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikail. “O discurso no romance”. In: *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.

Quando lê, o receptor da carta “constrói” simbolicamente aquele que a enviou, como disse Michel de Foucault para quem escrever cartas é *mostrar-se, chamar a atenção, presentificar a imagem do outro*.<sup>5</sup> Essa “construção” simbólica não é somente da imagem física, mas também dos sentimentos e emoções que circundam uma determinada relação. E quando se trata de uma troca epistolar com caráter literário (que é o objetivo do nosso trabalho), tal “presentificação” é ainda mais sintomática, pois traz à luz também as respectivas obras construídas ou em construção dos autores missivistas.

Nos dias atuais, as dificuldades impostas pela separação do espaço geográfico são superadas pelos mais eficientes meios de comunicação, inicialmente com o telegrama, depois com o telefone e atualmente com o correio eletrônico; mas ainda assim o distanciamento físico é uma poderosa força que suscita a correspondência e o contato entre as pessoas. Essa tentativa de superação da distância espacial é uma das grandes motivações para a escrita de cartas, a ausência do ente querido parece ser suavizada quando “se chega” até ele através do texto epistolar, é um “ir ao encontro de”, é um “estar com”, como bem observou Andrée Crabbé Rocha:

*Escreve-se, pois, ou para não estar só, ou para não deixar só. Lição de fraternidade, em que as palavras substituem os atos ou os gestos.*<sup>6</sup>

Foi como uma espécie de paliativo para vencer a distância que vários escritores e outros pensadores em épocas tão diferentes utilizaram as cartas: Cícero, Horácio, Sêneca, Diderot, Voltaire, Flaubert, Kafka, Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Mário de Andrade e

---

<sup>5</sup> In: FOUCAULT, Michel. *L'écriture de soi. Corps écrit*. Paris: PUF, 1983.

<sup>6</sup> In: ROCHA, Andrée Crabbé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.

tantos outros modernistas brasileiros. Como muito bem afirma Matildes Demétrio dos Santos:

*A correspondência é o apelo irreprimível daquele que escreve e a ressonância de quem recebe.*<sup>7</sup>

É justamente aí que se processam a abertura e o deciframento do remetente tornando-o vivo e presente junto ao destinatário. A ausência enriquece o conteúdo e o teor daquilo que se tem para dizer ao destinatário, é quando a carta se torna uma possibilidade de “preenchimento” emotivo e comunicativo entre aqueles que estão afastados. Não se toca fisicamente; todavia, aquela que é uma espécie de símbolo palpável da distância é a que mais aproxima. A correspondência contribui na criação de verdadeiros “mundos” reais ou ficcionais na história das amizades e dos relacionamentos.

## **2. Correspondência e Literatura**

Outro fator instigante do texto epistolar é a sua aproximação ao texto ficcional. Sendo um gênero fluído e diverso em seus limites, a carta possui inúmeras possibilidades literárias e pragmáticas. A correspondência ajuda a configurar as personalidades daqueles que interagem tornando-os “personagens” deste “romance” construído relacionalmente, podendo mesmo criar uma espécie de encenação da vida e da própria relação. A este respeito, é inquietante o que Manuel Bandeira escreveu a Mário de Andrade em 1925:

---

<sup>7</sup> In: SANTOS, Matildes Demétrio do. *Ao sol carta é farol – a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paul: Annablume, 1998.

*Há uma diferença grande entre o você da vida e o você das cartas. Parece que os dois vocês estão trocados: o das cartas é que é o da vida e o da vida é que é o das cartas. Nas cartas você se abre, pede explicação, esculhamba, diz merda e vá se foder; quando está com a gente é ... paulista. Frieza bruma latinidade em maior proporção pudores de exceção.*<sup>8</sup>

Neste caso, é possível afirmar que um outro “eu” vai se estruturando ao longo das trocas epistolares, compondo um quadro imaginário paralelo ao real; além disso, a estruturação desse “eu” é sempre intencional do ponto de vista de quem escreve, pois toda a escrita de uma carta é intencional, o remetente o faz propositadamente e sempre com uma intenção previamente concebida, são práticas produzidas e embasadas num discurso que não é neutro, tendendo a legitimar ou justificar escolhas, posições, condutas para os próprios indivíduos num determinado momento histórico.

Podemos dizer que a carta, como todo documento, possui duas faces: uma histórica e outra literária, sobretudo na crítica. A sua dimensão histórica sempre foi mais reconhecida por alguns setores críticos, pois são testemunhas de um determinado contexto histórico e também acompanham a própria trajetória do remetente; quem escreve se torna um “sujeito-de-enunciação” histórico daquele tipo de discurso.

Ainda que uma carta possua um caráter eminentemente literário, ela possui elementos de testemunho pessoal que não são reconhecidos como obra de literatura, mas são elementos de caráter biográfico. Muitas cartas são verdadeiros “retratos” íntimos de quem as escreve, revelam o que há de superficial e até mesmo o que há de mais profundo das

---

<sup>8</sup> Carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade de 16/12/1925.

personalidades que as escrevem, por isso são textos histórico-biográficos (não são poucos os biógrafos que recorrem às correspondências para “sugar-lhe” com mais propriedade os fatos da vida). Isto sem dizer que ao longo da História inúmeros acontecimentos decisivos se fizeram por meio das mais diversas missivas ou foram relatados por elas. Essa dimensão histórica se justifica pois as cartas também possuem um caráter de “seriedade” no que diz respeito ao que nelas é escrito; a carta se faz necessária cada vez que o objeto de conversação é relativamente sério, pois há um desejo de obter garantias mais formais, engajamentos mais positivos que não seriam através de palavras somente pronunciadas ou mesmo para um determinado assunto que não admite improvisação. Desta forma, a carta comprova o ditado latino de que “As palavras voam, os escritos ficam” (*Verba volant, scripta manet*).

A pesquisa acerca da sua possível dimensão literária tem tomado grandes impulsos nos últimos tempos, principalmente com as contribuições teóricas fornecidas pela chamada “Crítica Genética”. Durante muito tempo o texto epistolar, enquanto possibilidade de aprofundamento de pesquisa do texto literário, foi negligenciado e ignorado por muitos críticos. Contudo, valoriza-se cada vez mais esse tipo de pesquisa associando a correspondência à literatura. Segundo Vincent Kaufmann, a correspondência é para alguns escritores *independentemente de seu eventual valor estético, uma passagem obrigatória, um meio privilegiado de ter acesso a uma obra, o elo que falta entre o homem e a obra*<sup>9</sup>, ou seja, o estudo de determinadas cartas possibilita um maior e melhor entendimento da obra e do estilo dos respectivos escritores-missivistas. Uma outra observação sintomática de Kaufmann é de que *as correspondências representam um corpus ao mesmo tempo*

---

<sup>9</sup> KAUFMANN, Vincent. *L'Équivoque Épistolaire*. Paris: Minuit, 1990.

*superabundante e sempre lacunar*<sup>10</sup>. Entendemos que a correspondência seja “lacunar” pois ela ajuda a compor um texto de natureza fragmentada, e esses fragmentos originam “espaços” propícios a serem preenchidos por interpretações acerca da obra e do próprio autor.

Nas trocas epistolares com um cunho literário, a carta propicia também um campo experimental para a construção estilística dos respectivos autores, bem como para expor a diversificação das experiências de ambos: comentários acerca da vida social, cultural e política de um determinado momento, as mudanças das conjunturas intelectual e ideológica que permeiam a vida de cada remetente. Isto sem dizer que, ao escrevermos uma carta, não podemos ignorar a necessidade de um código específico para modelar e expressar o que queremos dizer, acabamos por fazer literatura sem muito o perceber. Em algumas correspondências, notamos que os remetentes também utilizam o espaço epistolar para teorizar certos assuntos ou até mesmo para criarem teorias próprias: é muito conhecida a “luta” de Mário de Andrade na sua troca epistolar com Manuel Bandeira para criar uma “língua brasileira” (uma Língua Portuguesa com caráter essencialmente brasileiro), ou na sua troca epistolar com Carlos Drummond de Andrade e Gilberto Freire onde o que está em questão é a construção de um determinado conceito de nacionalismo que levaria o Brasil à universalidade; é quando as cartas adquirem características de verdadeiros ensaios teóricos.

A prática epistolar também pode se aproximar da literatura quando ela “freqüenta” uma determinada obra, estando à sua sombra e se desenvolvendo ao fundo da narrativa, o que nos possibilita pensar na escrita de um romance; as cartas podem caminhar

---

<sup>10</sup> Ibid.

paralelamente à própria obra fornecendo diversas possibilidades de interpretação da mesma, pois revelam certos dados inéditos que às vezes são negligenciados pelos ensaios teóricos. Quando lemos um romance podemos nos identificar com o “outro ficcional”, projetando-nos muitas vezes nele. Quando lemos determinadas cartas podemos também nos identificar com esse “outro” sem fazermos o desvio pelo romance, porém mantendo o mesmo “transporte” de um tipo de texto para o outro, isto acontece porque também é possível que nos identifiquemos com o “eu-epistolar”, reconhecendo nele e nas suas atitudes aspectos do nosso próprio jeito de ser. A esse respeito, E. M. de Melo e Castro afirmou:

*É que nas cartas, que são escritas, trata-se obviamente de um código em que o que se comunica é uma metarrealidade. Tanto o que se escreve como o que se lê fazem parte de um jogo de estados textuais que inevitavelmente obrigam a leituras outras do próprio presente, à luz modificadora, e talvez mistificadora, do que leio na carta que agora recebo e leio.<sup>11</sup>*

A mesma mão que escreve a carta é também aquela que escreve um romance, obviamente diferindo o estilo, o propósito e a natureza de cada texto. A escrita do romance e da carta compõe espaços diferenciados, onde algumas oposições se revelam: aspecto obra e aspecto cartas, a frente e o verso, o avesso e o direito. Assim concebido, o texto epistolar pode agir como o verso do texto, e a obra começa logo que se passa de um envio individual a um endereçamento geral e coletivo. Por fim, não podemos nos esquecer que muitas cartas (principalmente quando são sequenciais) são lidas sobre um fundo de romance, onde o eixo narrativo da ficção dá espaço a um eixo de acompanhamento dos fatos e situações

---

<sup>11</sup> CASTRO, E. M. de Melo e. *Odeio cartas*. In: GALVÃO, Walnice N. & GOTLIB, Nádya B. *Prezado Senhor, Prezada Senhora – Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.15.

narrados nas linhas das cartas, contribuindo mais ainda para a aproximação dos textos literário e epistolar.

As cartas possuem elementos que são essencialmente biográficos e informativos, impossibilitando que as consideremos como textos puramente literários; tal fato é aceito com uma certa facilidade pois a carta se caracteriza por uma natureza notadamente híbrida na sua composição, mas tal verdade não nos impossibilita fazer importantes ligações entre esse tipo de texto e a literatura.

### **3. Últimas Considerações**

#### **a) O Tempo e o Espaço**

Outro importante fator das correspondências é a sua relação com o tempo e com o espaço, estes contribuem para contextualizar o conteúdo desses textos numa perspectiva histórica e situacional; a data também serve para resgatar a carta na sua realidade efêmera, é um objeto historicamente construído, inscrito num tempo e num espaço social, contribuindo para que a prática epistolar se insira numa verdadeira prática social. Mas se o fato de datar uma carta possibilita o resgate na sua condição efêmera, em certos momentos o seu relacionamento com o tempo se dá de forma complexa e conflituosa; é interessante esta observação:

*A questão das cartas é uma questão complexa em que o tempo tem tudo a ver e a haver. É que entre o receber das cartas e o lê-las há, para mim, um hiato de angústias que*

*não depende nem da natureza nem do conteúdo das cartas [...], porque mesmo trazendo possíveis novidades ou informações até aí desconhecidas, as cartas chegam sempre depois ... chegam sempre atrasadas ... O hoje da recepção e da leitura vem sempre depois do hoje da escrita e do envio, que agora é já um ontem, e esses dois hoje, sendo defazados no tempo, contêm a possibilidade quase certa e angustiante de aquilo que nas cartas se lê já não corresponder ao que está acontecendo, [...] o hoje que leio é já um ontem do que foi escrito ...*<sup>12</sup>

## **b) As Cartas e o Memorialismo**

Cada carta é uma excepcional oportunidade para transitar pela história de diferentes territórios da intimidade humana, por relações de amor e amizade e também por relações de sociabilidade entre os correspondentes. Situada num terreno intermediário entre o ficcional e o histórico, entre o prosaico e o poético, a literatura epistolar traz à luz perfis que vão sendo desenhados com a caligrafia daqueles que insistem em ignorar a distância e a separação física. Em muitos casos desenvolvem-se verdadeiros auto-retratos. Tal verdade nos remete para uma outra dimensão da epistolografia: a sua relação com a autobiografia e com o memorialismo.

O autor de uma autobiografia dá um destaque especial e peculiar a sua própria imagem e se convoca como testemunha de si mesmo e da sua trajetória. Para ele, um acontecimento só admite uma leitura feita e postulada por ele mesmo, trata-se de um relato autônomo em relação à história e à ficção. A epistolografia e o relato memorialístico apresentam uma visão personalizada de um tempo vivido. Tal personalização no

---

<sup>12</sup> Idem à citação anterior.

memorialismo literário se inter-relaciona e se confunde com o imaginário. Busca-se o real pelo desvio da representação.

### c) O Ato de Lacrar

Nos tempos passados as cartas eram seladas com um lacre, geralmente composto de um tipo de cera derretida sobre a qual era impresso o brasão da família ou do próprio remetente. Nos dias de hoje, a correspondência segue normalmente “guardada” dentro de envelopes fechados, assinados e selados ou, quando se trata do correio eletrônico, mantém-se o caráter sigiloso pois cada um possui uma determinada senha que possibilita o acesso pessoal aos textos recebidos através do *e-mail*. Todos esses procedimentos ressaltam o caráter confidencial e secreto das mensagens epistolares.

A carta é uma espécie de “espaço particular” onde pessoas, sentimentos, relações íntimas e experiências subjetivas são manifestadas e reveladas, daí o medo de muitos escritores de verem publicadas as suas cartas, elas estão comprometidas e são comprometedoras quanto ao seu conteúdo. É-nos conhecido o posicionamento de Mário de Andrade quanto à publicação da sua correspondência, ele sempre se mostrou contrário a tal prática e em certa ocasião ordenou expressamente o seu amigo Manuel Bandeira:

*As cartas que mando para você são suas. Se eu morrer amanhã não quero que você as publique. Nem depois da morte de nós dois.*<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Carta a Manuel Bandeira, novembro de 1924.

Em seu testamento Mário ordena que toda a sua correspondência só poderia ser aberta após cinquenta anos do seu falecimento, pois assim a individualidade dos seus correspondentes não seria violada pela exposição pública. Todavia, o desejo de Mário não foi integralmente cumprido por Bandeira, pois este em 1958 decidiu publicar as cartas recebidas do criador de *Paulicéia desvairada*. O ato de selar uma correspondência apresenta o desejo inquestionável do remetente de assegurar o total sigilo das suas mensagens, a própria palavra “selo” tem a sua origem etimológica no vocábulo latino *sigillu*, o que muito justifica a sua aplicação.

Sabemos que em várias situações a inviolabilidade epistolar não foi respeitada pelos mais diversos motivos, violentando profundamente a sinceridade própria deste gênero. Quando se decide pela publicação da correspondência de alguns escritores temos o princípio do sigilo um tanto afetado, pois a confiança adquirida entre o remetente e o destinatário ao longo do intercâmbio epistolar é um tanto abalada uma vez que seus textos vêm à luz. Temos então a censura como uma das soluções encontradas pelos organizadores para salvaguardar os personagens deste “romance”. Quando Manuel Bandeira decidiu publicar as cartas recebidas de Mário ele apresentou os seus motivos e fez algumas ressalvas:

*Nas que aqui se vão ler, cartas tão esclarecedoras da obra de Mário, da sua maneira de trabalhar, da sua visão, tão pessoal, da vida e da literatura, da música e das artes plásticas, uma ou outra passagem seria indiscreto revelar sem a cautela de alguns cortes.*

*Assim procedendo, atendo à confiança com que o grande poeta escreveu e me mandou tantas páginas admiráveis, muitas não inferiores às melhores que publicou em livro.*<sup>14</sup>

Esses “cortes” foram feitos através de reticências entre parênteses ou com o emprego de algumas maiúsculas no lugar de certos nomes, como X ou Y. No caso específico do epistolário de Mário de Andrade, todos os seus correspondentes foram unânimes quando decidiram pela publicação: as cartas de Mário formavam um material precioso de crítica e teoria a respeito da literatura e das artes em geral, o que tornava esses escritos “de domínio público” por excelência.

Trazidas à lume ou não, a verdade é que quem escreve uma carta não espera ou acredita que o seu texto se tornará público no futuro. Lacrar não é somente guardar, mas também confiar e acreditar na leitura unilateral do destinatário.

#### **d) Os Direitos Autorais**

Um problema comum à pesquisa epistolográfica diz respeito aos direitos autorais da correspondência dos escritores. Assunto quase sempre controverso, a utilização dos textos epistolares abre inúmeras discussões sobre a “propriedade” desse material.

É inquestionável o direito que cada remetente possui sobre a carta que ele escreve, ele é o autor que lacra e depois envia ao destinatário; este naturalmente faz a leitura, mas

---

<sup>14</sup> *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1958.

não é o proprietário daquele texto. Tal fato é sintomático, pois geralmente quem recebe se considera no direito de usufruir da melhor maneira aquela determinada missiva.

Enquanto estão vivos, tais regras são um tanto negligenciadas devido a vários fatores, especialmente a confiança recíproca entre ambos. Na “carteação” (expressão criada por Mário de Andrade para definir a sua intensa atividade epistolar) entre o autor de *Lira Paulistana* e Manuel Bandeira, percebemos essa liberdade que um tinha sobre a carta recebida do outro, pois em vários momentos Bandeira comunicava a Mário que retirara uma determinada passagem de uma carta para compor um artigo, ou para iniciar as reflexões de um estudo ou de uma análise. Mário também praticou tal ato quando utilizou alguns manuscritos de poemas enviados por Bandeira ainda não publicados, ou mesmo algumas passagens, principalmente quando Mário escrevia seus artigos de crítica literária nos jornais e revistas especializados. Entretanto, esse “direito de exploração” da produção alheia sobreviveu somente quando atendia aos interesses críticos e literários de ambos, ficando as passagens de cunho pessoal e íntimo reservadas à confiança da não-exposição pública.

A grande dificuldade dessa política dos direitos autorais relacionados às cartas se faz após a morte do respectivo autor-remetente. Por direito, os seus descendentes exercem a função de salvaguardar e autorizar ou não a utilização desse material. Contudo, um fato se impõe: pelo conteúdo e pela importância enquanto documento histórico-literário, as cartas de escritores e artistas adquirem um caráter mais universal do que poderia ser intencionado pelos respectivos autores, elas são importantes pois iluminam e fomentam discussões que são importantes para uma historiografia artística. Daí a sensação de que elas já não mais

pertencem ao seu criador, mas a uma coletividade, fazem parte de um acervo que ajuda a configurar a inteligência de um grupo.

Mas a realidade não tem se mostrado tão vanguardista assim, é comum a intervenção de alguns herdeiros desses espólios no que concerne à utilização dos mesmos. Certas proibições são feitas com o intuito de preservar algumas individualidades pessoais, certas particularidades, porém outras não se justificam e refletem um caráter arbitrário dos detentores desses direitos autorais.

O remetente não percebe no exercício cotidiano de escrever suas cartas a importância dessa atividade, escrevendo ao sabor da naturalidade ele em alguns momentos não se dá conta de que está construindo uma obra, principalmente se tal prática for linear e ritmada, obedecendo a algumas determinações de organização. Mas o seu direito de autor lhe é assegurado possibilitando a utilização da sua produção segundo os seus interesses ou, sob sua permissão, de outrem. Respeitar essa premissa é necessário, mas sem nos esquecer da importância de tais textos para a leitura de um movimento artístico ou mesmo de uma época.

As dinâmicas dos textos epistolares não param por aí. Como já foi afirmado, trata-se de uma composição que se caracteriza pela fluidez de sua própria natureza. A carta é sempre um território “aberto” à espera de uma nova leitura, de um novo encontro simbólico entre pessoas que, embora separadas, estão sempre unidas por laços subjetivos que são alimentados dia após dia, carta após carta, selo após selo.

